
“Amelia Toledo”
por Casimiro Xavier de Mendonça, 2000

“Amelia Toledo manteve uma atuação intensa em centros importantes do Brasil: Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo. Toda sua obra é pendular, entre o controle formal e a intuição, e, desde os anos 60, ela explora diferentes recursos de expressão: plásticos, bolhas de espuma, águas coloridas, materiais suaves e amoldáveis que em outros momentos cederam lugar ao rigor das chapas de aço...

Amelia Toledo exerceu um papel muito ativo na cena brasileira também por sua atividade didática e pela abertura com que sempre conviveu com artistas de diferentes gerações. Mas, ao contrário de alguns mestres que no ensino diluem a própria obra, ela preservou na íntegra a intensidade poética e uma obsessão metafísica que se encontra, até hoje, em todos os seus trabalhos.

Seja com o uso de materiais orgânicos, conchas e caramujos, na apropriação da energia dos cristais, nos trabalhos onde procura a união alquímica dos opostos, nas telas onde propõe uma saturação da cor e na vibração de sua pintura caligráfica, existe a fidelidade ao mesmo fio de raciocínio. Em alguns momentos pode-se alinhar a obra de Amelia Toledo a questões internacionais que exploram esta ou aquela linguagem, porém seu caminho sempre foi extremamente interiorizado e solitário. As correspondências, quando existem, foram questão de sincronicidade e não de filiação específica. Amelia Toledo faz parte dos artistas que conseguiram fazer o Brasil deixar o modernismo e desembarcar no Mundo Contemporâneo e sua atuação continua fundamental na cena artística do país”.

Tento de Casimiro Xavier de Mendonça publicado em ARTE e artistas plásticos no Brasil 2000. São Paulo: Meta, 2000. p. 20.

O claro e o escuro
por Ana Maria de Moraes Belluzzo, 1999

“Amelia entra e sai de diferentes domínios artísticos. Transita do desenho de jóias ao objeto, das experiências táteis às visuais, do tridimensional à superfície do papel, da tela à aquarela, de pequenas paisagens contidas em recipientes à expansão de grandes panos coloridos que se irradiam além de si mesmos... A sua operação central é transitar de um âmbito a outro. Nos últimos anos, vem perseguindo o desejo de penetrar o campo das rochas. Ela precisa entrar e sair das demarcações assim como precisa de ar. Age impulsionada pela necessidade de vivência e desprendimento pelo trabalho, motivada por uma poética da mobilidade.

De uma dimensão a outra, de uma técnica a outra, nada é transposto. Tudo se transmuta. Sua obra não é orientada por um foco. Expande-se por multiplicação ou cissiparidade. Tende à profusão, ao movimento infinito da natureza”.

Texto de Ana Maria de Moraes Belluzzo publicado em TOLEDO, Amelia. Entre, a obra está aberta. São Paulo: SESI, 1999. p. 5.

**Amélia Toledo, a história da inquietude
por Marcus de Lontra Costa, 1989**

“Inquietude. Esta palavra move os passos e as ações de Amelia Toledo. Diferentemente da maioria dos artistas plásticos de sua geração, ela jamais deixou-se fascinar unicamente pelos encantos da artesanaria, pelas questões técnicas (...) Artista lúcida, pesquisadora paciente e organizada, Amelia Toledo trabalha com trinchas longas e curvas, dessas de pintar cantos de cômodas e móveis a fim de perder um pouco o controle do gesto, evitando o maneirismo (...) as camadas de tinta aderem-se ao suporte feito uma película, feito pele. A cor atua em campos limitados, os espaços são bem definidos, com uma margem de alguns centímetros na qual o suporte aparece sem tratamento, espécie de zona neutra, local de passagem entre a luminosidade, o campo de interferência da artista e a parede branca, silenciosa e impessoal. A riqueza do trabalho de Amélia é algo próximo ao silêncio: para se compreender essa produção é necessário antes saber que a metade vazia de um copo é tão importante quanto a metade cheia. Nós só conseguimos nos comunicar, porque existe o vazio, o silêncio, o respirar entre uma palavra e outra, entre uma frase e outra. Amélia Toledo investe, e investiga esse espaço, esse momento, essa passagem”.

Texto de Marcus de Lontra Costa, Correio Braziliense, Brasília, 22 de março de 1989.